

### Santos de Junho

O mês de Junho põe Portugal em festa: a 13 é Santo António, a 24 São João e a 29 São Pedro. A denominação de santos “populares” é tradicional e exacta: os Santos de Junho são, com S. Sebastião, os mais festejados em Portugal.

É o que resulta do recenseamento das festas populares, terminado em 1989 em todo o país, a que responderam 74% das paróquias. Sem contar com as festas de Natal e de Páscoa, realizavam-se, no ano de 1987, nas paróquias respondentes, 6597 festas.

As festas de S. António e S. João são, segundo os estudiosos, “festejos da existência”. Por isso eles são casamenteiros. De resto, na forma como o povo os festeja, sobretudo S. João, designadamente no Porto, por exemplo, não se sabe, muitas vezes, o que há ali de especificamente cristão. Mas o facto possivelmente não resulta de que os tempos estão mudados, ou de que a fé é pusilânime, mas de que, antes de serem cristãs, estas festas celebravam os ciclos da vida, evocando e propiciando os seus princípios.

Independentemente dos conteúdos especificamente cristãos que lhe estão associados, as festas dos santos populares são o pretexto para evocar e exaltar a vida que o sol, no solstício, traz consigo. Esta é efectivamente a conotação primeira da celebração, aquela que, de resto, tem mais ressonâncias antropológicas. Basta recordar que, pelo S. João, se fazia em muitas localidades do país uma fogueira que impedia o sol de esmorecer no seu esplendor.

Operação cósmica semelhante tinha sido levada a cabo por ocasião do solstício de inverno em que se celebrava o “natalis solis invicti”, transformada posteriormente na celebração do nascimento de Cristo, com a única diferença de que, então, se tentava aviventar o sol. É interessante notar que a fogueira de S. João nem sempre era feita com os grandes cepos que se costumavam colocar na fogueira de Natal. Esse grande lumaréu era feito de ervas aromáticas - alecrim, bela-luz, esteva, rosmaninho, giesta e manjerona – possivelmente para dar ao sol os aromas que o Verão depositava nos frutos.

O culto a Santo António, estimulado pela fama de inúmeros milagres, tem sido ao longo dos séculos objecto de grande devoção popular por todo o mundo. É um dos santos de maior devoção de todos os povos e, sem dúvida, o primeiro português com projecção universal. De Lisboa ou de Pádua, é para o mundo católico o santo “milagreiro”, “casamenteiro”, do “responso” e do Menino Jesus.

As festas populares de S. António, S. João e S. Pedro, estão, pois, enquadradas por um vasto mundo de referências que as relacionam com significados que, pouco tendo de cristão, são certamente tradicionais.

As festas populares, manifestações colectivas, as crenças e ritos de devoção particular são as grandes marcas da religiosidade popular no nosso país. Nas festividades populares, com ou sem relação com o ritual oficial e, muitas vezes, com origem em cultos naturalísticos, é possível encontrar manifestações particulares, por vezes, com carácter mágico.

Quando falamos de religiosidade, de facto, referimo-nos a um conjunto de práticas simbólicas de raiz popular (no sentido em que se distinguem das produções religiosas das dos “intelectuais” e das instituições que regulam o campo religioso) e se referem a significados que transcendem a própria comunidade mas a identificam enquanto tal. Trata-se, pois, de fenómenos culturais integrados no quadro de significações que as comunidades produziram na sua interacção secular (por isso se tornou corrente falar, também de religiosidades tradicionais).

A atenção especial aos sinais da natureza como a água, a terra, a luz, o céu fascinou desde sempre as pessoas. A religiosidade popular, cósmica e natural, pode servir, no caso da Igreja Católica, para compreender melhor a utilização de sinais e gestos simbólicos que expressam uma componente profundamente humana e religiosa. Por isso, tem sido sempre chamada a atenção para uma verdadeira integração entre a liturgia e a piedade popular, como aconteceu na liturgia da Igreja dos primeiros séculos, com algumas celebrações, e na liturgia romana da Idade Média, com as procissões, ladainhas e outros ritos, assumidos em forma de culto.

